

Corposições para Descolonizar a Educação Física¹

Corposições para descolonizar la educación física // Corposições to decolonize physical education

Vina Di carvalho²

Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)

E-mail: vinadicarvalho@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6173-1730>

Fecha de recepción: 10 de junio de 2025

Fecha de aceptación: 26 de junio de 2025



Cómo citar: di Carvalho, V. (2026). a educação física. *Corpo Grafías Estudios críticos de y desde los cuerpos*, 13(13), pp. 118-132. DOI: <https://doi.org/10.14483/25909398.23568>

¹ Artículo de reflexión

² Professora de educação física (UFSJ) e doutora em educação (UFMG). É uma bicha posithiviva, também atravessada pelos movimentos sociais LGBTQ+ e de enfrentamento aos estigmas da aids. Está professore substitute no Departamento de Ciências da Educação Física e da Saúde, da UFSJ, onde trabalha com gênero, raça e classe na educação física, ginásticas, metodologias de ensino, didáticas, jogos e brincadeiras, fundamentos socioantropológicos da educação física, esportes coletivos e ritmo e movimento. Uma bicha performática que quer viver para assistir à posse da primeira travesti presidenta do Brasil.

Resumo

O exercício da colonialidade do corpo consiste em incorporar hierarquias e transformar as diferenças em desigualdades, promovendo separações que pretendem um corpo distanciado de si. O corpo é político, é onde o poder pode se tornar dominação... é também a possibilidade de perceber, de modificar a perspectiva e coletivizar as aprendizagens. Corposição é um conceito e um método de investigação e ação pedagógica que se preocupa com as invenções de possibilidades de composição entre os corpos para aprender em conexão com a diferença, pensando com o corpo todo. É nesse movimento que esta investigação acontece, utilizando como campo a unidade curricular Ritmo e Movimento, presente na formação em Educação Física. Aglomeram-se as experiências de uma bicha professora em relação com as de estudantes de um curso de graduação em educação física, entrelaçados com os pensamentos de autoras que inventam saídas, sempre coletivas, para uma educação que exercite descolonizações.

Palavras-chave

corposição; decolonialidade; educação física; formação de professores; movimento

Resumen

El ejercicio de la colonialidad del cuerpo consiste en incorporar jerarquías y transformar las diferencias en desigualdades, promoviendo separaciones que pretenden distanciar al cuerpo de sí mismo. El cuerpo es político, es donde el poder puede convertirse en dominación... es también la posibilidad de percibir, de modificar la perspectiva y colectivizar el aprendizaje. La corposiçãõ es un concepto y un método de investigación y acción pedagógica que se ocupa de la invención de posibilidades de composición entre cuerpos para aprender en conexión con la diferencia, pensando con todo el cuerpo. Es en este movimiento que se desarrolla esta investiga-

ción, utilizando como campo la unidad curricular Ritmo y Movimiento, presente en la formación de la Educación Física. Las experiencias de una profesora bicha se combinan con las de estudiantes de una carrera de educación física, entrelazadas con los pensamientos de autores que inventan soluciones, siempre colectivas, para una educación que ejercite la descolonización.

Palabras clave

corposiçãõ; decolonialidad; educación física; formación de docentes; movimiento

Abstract

The exercise of the coloniality of the body consists of incorporating hierarchies and transforming differences into inequalities, promoting separations that aim to distance the body from itself. The body is political, it is where power can become domination... it is also the possibility of perceiving, of changing perspectives and of collectively learning. Corposiçãõ is a concept and a method of investigation and pedagogical action that concerns itself with the invention of possibilities of composition between bodies to learn in connection with difference, thinking with the whole body. It is in this movement that this investigation takes place, using as a field the curricular unit Rhythm and Movement, present in the Physical Education course. The experiences of a queer teacher are grouped together with those of students in an undergraduate course in physical education, intertwined with the thoughts of authors who invent solutions, always collective, for an education that exercises decolonizations.

Keywords

corposiçãõ; decoloniality; physical education; teacher training; movement

Educação física pra quê?

Quando estudantes são separados por gênero nas aulas de educação física da educação básica no Brasil, não imaginam a quais sistemas de poder servem às práticas pedagógicas irrefletidas de seus professores. Provavelmente não conseguem compreender bem o motivo de serem separados por meio das práticas corporais, por níveis de esforço e interação física, gerando aquilo que se conhece bem nas escolas brasileiras: meninos jogam futebol e meninas quase não jogam. Dentro da estrutura binária do gênero e as suas mobilizações na educação física, meninos continuarão se esquivando de atividades como danças, ginásticas, jogos corporais e atividades de expressão corporal, pensando que isso é um fato natural, pois vieram aprendendo a distanciar seus corpos da sensibilidade, da percepção expressiva do movimento, ao longo da vida. Do outro lado da estrutura binária, meninas aprenderão que são sensíveis demais, mais fracas que os meninos e que determinadas práticas corporais, como as esportivas e as lutas, não são para elas... Isso faz parte de uma lógica que, com sorte, foi feita para funcionar, mas veio demonstrando falhas ao longo dos tempos. É o fato de ela ser percebida, a própria justificativa de que ela está em processo de análise, questionamento e mudança. Para descolonizar, é preciso fazer perceber.

A colonialidade do corpo é a sofisticação permanente das colonizações que habitam os territórios subjugados pelos modos europeus e norte-americanos de dominar países ao longo dos tempos. Ela acontece o tempo todo, está inserida na dinâmica da hegemonia cultural, na qual as culturas chamadas populares são constantemente suplantadas por culturas do outro mundo (que sempre é superior), um interminável jogo de poder que atua na re-produção das linguagens dos povos; na lógica de normalização social, na qual estruturam-se e naturalizam-se as hierarquias entre os corpos, por meio da criação

de um padrão aceitável de corpo-cidadão – com o gênero corrigido, com a racialização acatada, com a sexualidade orientada para a reprodução, com a assimilação de seu lugar de classe, com a aceitação de um modo único de exercitar sua espiritualidade – que deve ser perseguido por todos os corpos até a exaustão... e com a educação física não seria diferente!

A historiografia da educação física registrou suas diversas utilizações como uma ferramenta de produção de corpos para o exercício do poder (Castellani Filho, 1988), passando pelos contramestres de ginástica e seus catálogos de movimento desde a década de 1920; pela estrutura militar e médica que produzia corpos normalizados por meio de ideais higienistas e eugênicos, selecionando-os por meio de categorias reprodutoras do sexismo, do binarismo de gênero, do racismo, do classismo, a fim de reproduzir as normas sociais das famílias europeias colonizadoras; pela escolarização das práticas que valorizavam a competição esportiva para incorporar os ideais nacionalistas e das intervenções que selecionariam corpos por meio de padrões estabelecidos para a aptidão física... a produção dos corpos para o regime de poder vigente necessita da vigilância exercida pelas instituições sociais que organizam os sentidos da vida dos corpos em sociedade: família, igreja cristã, militarismo, escola, medicina, psiquiatria, universidade e tantas outras instituições que atuam sobre os corpos e seus sentidos e significados de mundo.

Inicialmente orientada de acordo com os padrões médicos e militares sobre os corpos nos anos da década de 1920, a educação física funcionava como uma ferramenta de civilização e regeneração corporal do homem brasileiro, tido como subdesenvolvido para os padrões eurocêtricos que organizavam as cidades do Brasil. A organização do primeiro e único congresso de eugenia no Brasil, em 1929, nos oferece a denúncia da utilização

da educação física para a preparação cultural das elites (aquelas que orientariam a noção hegemônica de cultura do país) e a formação eugênica das massas (aquelas que seriam hierarquizadas por padrões racistas investidos sobre os corpos), a partir da fala do médico e jornalista Peregrino Júnior, presente na tese de doutoramento de Roberto Gondim Pires, em 2007. Tal fala fornece a imagem do exercício da colonialidade dos corpos ao elitizar determinada forma de cultura, a europeia, como uma norma social a ser reproduzida ao mesmo tempo em que hierarquiza - investindo física, morfológica, fisiológica, espiritual e eticamente sobre os corpos - as classes sociais, pretendendo a sua imobilidade social por meio do racismo em uma lógica higienista que pretendia uma modificação do corpo social por meio do investimento massivo sobre o corpo individual.

Quase cem anos depois, ainda é necessário fazer o trabalho de olhar para os registros da história conhecida da educação física para investigar, com os sentidos de hoje, as suas perversões transformadas em projetos e ações de governo nas escolas. A educação física deixou um registro histórico de produção de corpos normalizados, com suas características medidas, suas capacidades controladas em laboratórios e em treinamentos dos mais variados tipos, desde a padronização do gesto motor até a corrida interminável pela busca de um padrão inalcançável de corpo. Esse lastro histórico pode ser acionado como um modo de investigação e problematização das impossibilidades que ele produz, como o distanciamento progressivo do corpo, a negligência com as emoções no processo formativo que envolve estudantes e professores, a dificuldade no trabalho com as práticas corporais que se preocupam com as artes, as sensibilidades, os sentidos e percepções do ato de se mover e de ser um corpo em sociedade. Como fazer as impossibilidades dançarem? Como movimentar as fronteiras da formação em Educação Física e promover exercícios de

reaproximação do corpo? Como exercitar as descolonizações necessárias ao desfazimento das hierarquias que habitam corpos com preconceitos e tristezas?

Pra começo de conversa, ainda é preciso dizer que não se trata de negligenciar ou ignorar a importância dos estudos realizados pelas áreas biológicas, fisiológicas, de aptidão, saúde e desenvolvimento motor, mas sim compreender a vinculação destas áreas de estudo à utilização da educação física como ferramenta de produção de corpos para o regime de governo ao longo dos tempos. Para além da oposição simples e fatalista que assombra os debates da área, situo-me nos espaços entre, em ações que pretendem perceber as relações que produzem e mantém uma educação física colonizadora, reprodutora de padrões adoecedores, para persegui-las no exercício de desarticular seus efeitos que ainda habitam as nossas práticas educativas. A inserção da educação física na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias, no final da década de 1990, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais e, obviamente, os estudos e trabalhos das pessoas que propiciaram essa mudança, incluindo acadêmicas, professoras, familiares, movimentos sociais, estudantes, nos permitiram vir percebendo a educação física como uma área multidisciplinar e de produção científica que tem relação com o corpo e com as suas relações sociais, culturais, regionais, políticas, educacionais, fisiológicas, dentre tantas outras que, necessariamente, estão atravessadas pelas lógicas sexuais, de gênero, raciais, de classe, espirituais, de corporalidade e tudo e tal. Tal perspectiva propõe um pensamento interseccional para a educação física, pensada como linguagem por estar presente na relação entre os corpos e suas produções de culturas, o que promove um desfazimento da noção de cultura como uma relação binária e hierárquica entre a hegemônica e a popular.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atualmente, é o documento nacional que orienta as práticas pedagógicas de professoras nos anos da educação básica no Brasil. Para o trabalho com os saberes da educação física escolar, a BNCC reconhece a necessidade de promover a experimentação e o conhecimento de uma vasta gama de conteúdos culturais por parte de estudantes, para isso é necessário que a educação física promova os saberes das práticas corporais no sentido de provocar a investigação, por estudantes e professores, a fim de reconhecerem-se como sujeitos culturais que vivem no mundo, bem como possibilitar a ação e a transformação de mundos ao colocá-los em relação (Brasil, 2018). Os saberes corporais são defendidos como sendo não apenas os saberes médicos e biofisiológicos sobre o corpo, mas também aqueles saberes que são próximos da vida vivida dos corpos, da vizinhança, da rua, do bairro, da turma de estudantes, da juventude, de adultos e idosos, da cidade, do estado, enfim, saberes que estão presentes nas oralidades, nas emoções compartilhadas, nas conexões entre os movimentos das práticas corporais e as suas capacidades de contarem histórias e comporem culturas diversas.

Esta escrita, portanto, habita a educação física cultural, um campo de estudos que ganha força nas teorias pós críticas da educação e do currículo, o qual é movimentado no Brasil por diversas pessoas educadoras, incluindo Marcos Garcia Neira e Mário Luiz Ferrari Nunes (2009). Desde aqui, as preocupações e pensamentos sobre educar em educação física estão em outra relação com o corpo, pois este lugar possibilita pensar o corpo em seus variados movimentos de vida, fato que modifica, inclusive o modo de fazer pesquisa, pois o corpo passa a ser sujeito e objeto e campo de pesquisa ao mesmo tempo. Nestes percursos de investigação e neste modo de pensar a educação física, sujeito não é apenas a norma social incorporada, mas os modos pelos quais estas normas estabelecem relações de poder com o

corpo para a produção de um sujeito, os modos de subjetivação (Foucault, 2010) que constituem o jogo social; saber não é apenas aquilo que se acumula e que pretensamente se oferece ao corpo que se pensa não saber nada, são, antes, os atravessamentos socioculturais que movem-se nos e entre os corpos, são as multiplicidades que provocam o pensamento no corpo todo, sempre em movimento com a diferença, que existe no mesmo momento em que é pensada, corpo como um rizoma (Deleuze; Guattari, 2012). Movendo-nos assim, é possível pensar em mundos plurais, produzidos por meio das transformações culturais promovidas pelos corpos em movimento de composição constante, comunicados e conhecidos de inúmeras formas, incluindo a modificação necessária no modo acadêmico de comunicar saberes, agora habitado pelo corpo que escreve e pelos corpos com os quais ele se compõe para escrever, para falar de si ao mesmo tempo em que produz pesquisa, ação, movimento de mudança constante que reflete e modifica o mundo em que vive, uma ação freiriana (Freire, 1996) que pretende a aproximação entre pensamento e ação até que um seja confundido com a outra, porque fazem parte dos movimentos do corpo e necessitam ser aproximados dele.

Corposições para escarafunchar

Ao decidir por habitar uma educação física se relacione com os corpos, suas culturas, a diversidade de saberes e mundos existentes, o pensamento que está sempre em movimento com a diferença, assumimos os corpos como campos de conexões possíveis e variáveis. Corpo como um rizoma, um campo sem centro de comando, sem chefe ou hierarquia entre os saberes que o compõem, sempre em transformação por suas bordas que produzem sentidos e significados ininterruptamente, vivo porque em contato com outros corpos que o afetam e o fazem se mover mais ou menos, a depender da relação que estabelecem

(Deleuze; Guatarri, 2012). Podemos, então, pensar em *corposição* (di carvalho, 2023), como um conceito, um método, um modo de pesquisar, de se re-conhecer, de se relacionar, de investigar-se como um campo de sentidos em constante transformação, de produção de saberes múltiplos produzidos pelo movimento que pensa e pelo pensamento que move o corpo todo.

Após a ditadura militar no Brasil, mais especificamente nos anos da década de 1980, a educação física vinha passando por importantes transformações no que se refere à busca pela sua especificidade como um campo de investigação científica e de prática pedagógica, em um conflito que produziu inúmeras abordagens pedagógicas que buscavam dar conta de relacionar os modos de ensinar e aprender com as práticas corporais que faziam parte do repertório de movimento dos corpos brasileiros, muitas delas advindas dos países colonizadores. A necessidade permanente da defesa democrática e da equalização dos direitos para as diversas populações que compõem o Brasil, veio movimentando na educação física a busca por investigações, invenções metodológicas, práticas pedagógicas e pesquisas acadêmicas que se preocupassem, também, com as formas pelas quais os corpos são tornados sujeitos e os modos pelos quais eles percebem e modificam os jogos sociais nos quais estão inseridos. Muito disso está relacionado às contribuições de estudos antropológicos, sociológicos, filosóficos, culturais, psicológicos, educacionais realizados por pessoas da área e aproximados dos saberes sobre o corpo, o qual é de grande preocupação dos estudos da educação física. É assim que a educação física passa a ser mais aproximada das humanidades como uma prática pedagógica e uma área de investigação científica que se ocupa de pensar o corpo e as suas relações com o mover e o pensar e o saber e o sentir.

Assim, podemos pensar em uma educação física que instigue as relações entre corpo e poder e vida e arte e política e sociedade e cultura e... Exatamente porque o corpo está relacionado com seus contextos de existência, sabemos que a produção de conhecimento em educação física é múltipla e conectada a inúmeros saberes de diversas áreas. Dessa forma, torna-se menos importante separar os conhecimentos da área em categorias, pois encara-se as suas relações e não as suas cristalizações, interessa-se pelas possibilidades de pensar que as áreas de investigação oferecem, pois elas também se interessam pelo corpo em movimento, que significa a vida.

O exercício da colonialidade do corpo consiste em incorporar hierarquias e transformar as diferenças em desigualdades, promovendo separações que pretendem um corpo distanciado de si e de suas capacidades para perceber os afetos que o compõem (di carvalho, 2023). Cabeça ou corpo, razão ou emoção, pensar ou agir, saber ou experiência, eu ou o outro... Modos de ação que mantêm corpos em um combate interminável para alcançarem uma pretensa normalização da vida, da corporeidade, dos saberes que podem e que não podem ser considerados acadêmicos. O corpo é político, é onde o poder pode se tornar dominação... é também a possibilidade de perceber, de modificar a perspectiva, de compor-se com outros afetos, outros corpos e coletivizar as aprendizagens, inventando resistências coletivas para a colonialidade que afeta corpos, de maneira geral e específica.

Ao propor a *corposição* como um modo de movimento neste trabalho, parte-se da ideia de corpo colonizado, não apenas os corpos que habitam os territórios colonizados, mas os corpos que são colonizados por modos colonizatórios que constituem cognições adoecidas, e estes habitam o mundo todo. Para exercitar *corposição* é necessário fazer perceber as insistentes permanências

das caravelhas no território corpo. Caravelhas são aquilo que chamamos de opressões estruturais que organizam a vida nas sociedades ocidentais, mais especificamente para os territórios colonizados, aqui pensadas como modos de conservar nos corpos a reprodução de racismos, heterocissexismos e cristianismos a todo momento, por meio de seus modos de pensar, agir, se relacionar, sentir, viver. As caravelhas não agem sozinhas e nem respeitam hierarquias sociais, elas as re-produzem constantemente por meio do investimento sobre os corpos individuais e coletivos, produzindo também seus sentidos de vida, suas cognições também são conduzidas assim.

Para compreender melhor as suas ações podemos utilizar o conceito de interseccionalidade, sistematizado por Kimberlé Crenshaw (1989) e mobilizado, de inúmeras maneiras e em momentos diferentes, por autoras negras como Patricia Hill Collins, Sojourner Truth, Lélia González, Audre Lorde, Angela Davis, Sueli Carneiro, para citar algumas dentre tantas mulheres negras que torceram a lógica de dominação a fim de demonstrar como a organização das opressões, sistematizadas pelos sistemas de governo que derivam da colonialidade, buscam dificultar as vidas de pessoas a depender de como seus corpos e vidas se configuram. Interseccionalidade é uma ferramenta teórico-metodológica de análise das opressões que atravessam os corpos, não pensadas de maneira cumulativa, como se fosse possível fazer uma coleção das opressões que se sofre e permanecer imobilizada no lugar de vítima das condições.

Pensar em interseccionalidade é agir desse exato modo, perseguindo e inventando maneiras de desarticular as opressões dos corpos individuais a fim de fomentar e fortalecer a luta coletiva por direitos comuns, percebidos ao longo das análises interseccionais das vidas. A interseccionalidade exige que pensemos o quanto as vidas

possuem em comum quando pensadas pelas opressões que as atravessam e, ao mesmo tempo, quais as possibilidades de ações conjuntas quando os corpos conseguem se ouvir e moverem-se coletivamente. Próxima ao corpo, porque, segundo Foucault (1999), é no corpo que o poder se torna dominação, a interseccionalidade funciona como um modo de fazer o corpo perceber como o social o atravessa, quais as suas questões de vida, quais os problemas que mobilizam seu pensamento-movimento de viver... também possibilita ao corpo, no exercício da coletividade, transformar a opressão em ação coletiva para exigir direitos, para propor ao Estado ações que funcionem de maneira democrática, não apenas assistencialista.

Se nos orientamos pela organização hierárquica e desigual do poder, podemos traçar os sentidos das opressões sobre os corpos a partir da norma que organiza o poder no corpo brasileiro. Seguindo o pensamento de María Lugones (2008; 2014), é impossível pensar raça separada do gênero na organização dos países colonizados, isso porque as categorias de homem e mulher, estranhas aos territórios colonizados pelos europeus, serviram para definir quem seriam os corpos reconhecidos como humanos e aqueles que serviriam ao trabalho escravizado que sustentaria, para além do modo de vida dos novos humanos (cidadãos próximos das regras europeias de civilização), o sistema econômico que se chamaria capitalismo, caracterizado inicialmente pelo enriquecimento das colônias por meio da exploração de territórios e corpos. Daí temos a normalização da branquitude e de suas ações como exemplos de moralidade e defesa da civilização e do patriarcado como organizador do tecido social, desde a organização da família como unidade civilizatória responsável por fazer incorporar as normas sociais vigentes. Sustentando a concepção da desigualdade que formata corpos desde sempre, o cristianismo teve papel fundamental na reelaboração da sexualidade,

do gênero e da raça em territórios colonizados, como uma doutrina que tentou solapar todas as outras crenças já existentes nestes territórios, instituiu as separações entre corpo e mente, pecado e perdão, razão e emoção, necessárias à dominação dos corpos colonizados (di carvalho, 2023). Podemos apreender disso que o corpo normalizado como possível nas colônias seria exatamente o corpo do colonizador e suas regras de existência: branco, heterossexual, cisgênero, cristão.

E todos os corpos estão sujeitos a serem constantemente colonizados pelas caravelhas, pois elas se atualizam nas intersecções que estabelecem, organizando corpos. O que fazer quando se correr o bicho pega e se ficar o bicho come? Mover-se coletivamente em corposição, exercitando as descolonizações possibilitadas pela ação entre corpos que reivindicam uma vida boa de viver!

Se foi no exercício permanente de defesa dos ideais colonizatórios que viemos organizando os acessos e os impedimentos de corpos a direitos, territórios e possibilidades de vida. É, portanto, no exercício de questionar esses padrões colonizatórios, que podemos reconhecer as múltiplas existências e possibilidades de saber que constituem o que chamamos de sociedade, de comunidade, de brasilidade. Ao mesmo tempo em que viemos sendo educadas a pensar, agir, escrever, pesquisar e nos organizar sob os moldes brancos, heterossexuais, cisgêneros e cristãos de produção de um saber valorizado como superior por ser eurocentrado, deixamos de reconhecer os saberes daqui, inventados pelos mesmos corpos que foram submetidos às regras coloniais do saber ao longo dos tempos. Viemos aprendendo que o saber das populações minorizadas pelas caravelhas são senso comum, meras experiências que não possuem rigor metodológico e, recentemente, temos reconhecido as importâncias dos saberes indígenas e quilombolas para a defesa de territórios, biomas, culturas, econo-

mias e políticas; demoramos a perceber as contribuições dos saberes das inúmeras formas de ser mulher para o reconhecimento dos modos de existência no Brasil, para a ciência e a educação do país; bem como as importantes defesas dos saberes de pessoas LGBTQ+ para o livre exercício da sexualidade, para o direito ao corpo e as suas produções de saberes diversos.

E como pensar a educação física em meio a tudo isso? Como utilizar a corposição para investigar os trajetos das caravelhas sobre os corpos a fim de desarticulá-los? É preciso exercício diário para inventar alegrias de propósito quando as tristezas são gratuitamente oferecidas aos corpos, intensificando-se a depender de como as caravelhas os cercam. Para isso é necessário escarafunchar os corpos, esta palavra possui o sentido de remexer com paciência, investigar minuciosamente, remexendo as sujeiras com as unhas, abrindo uma incisão para fuçar melhor no corpo.

E é isso que se propõe logo de início: que corpos sejam convidados a se escarafunchem como territórios habitados pelas caravelhas que sofisticam os sistemas racistas, heterocissexistas e cristãos de colonização permanente dos corpos, a fim de desarticular as colonialidades do corpo. Uma vez percebido, o corpo já não é mais o mesmo. A partir do movimento de perceber-se como um território, provoca-se uma corposição das escarafunchadas, pois aprendemos com as autoras negras e mulheres e bichas que as dores imobilizam os corpos, tornando-os solitários e fazendo-os pensar que elas são específicas, que ocorrem apenas com aquele corpo que se sente mal. Ao mesmo tempo, quando fazemos o exercício de compartilhá-las, passamos à noção de que a dor é coletiva, intensificada sobre um coletivo de corpos que a sentem diferencialmente e que, por meio da ação de compartilhar, podem agir sobre elas em coletividade com aqueles que compartilham os sentidos em comum, criando resistências compostas.

Uma vez percebida, a ação das dores também não é mais a mesma, perde força e intensidade quando corpos agem coletivamente para aprenderem-se como corpos que podem perseguir os efeitos das caravelhas. Corpos escarafunchados, dores compartilhadas, exercitam-se agora os modos de composição entre corpos para inventarem as resistências compostas, agindo coletivamente em composição, com seus afetos compostos, com suas inteligências em movimento constante e com seus saberes aglomerados, realizando aquilo que María Lugones provocou lá em 2014, pensamentos de coalizão.

Coletividade de aprendizagem em ritmo e movimento

Ao longo da formação de professores de educação física, é comum estudantes terem contato com uma unidade curricular chamada ritmo e movimento, campo de estudos que lidam com as ritmicidades do corpo e suas produções culturais, bem como com as qualidades do movimento e suas possibilidades de expressão, para oferecer uma breve contextualização. Durante os anos em que ocupei cargos de professor substituto em cursos superiores de educação física, fiquei responsável por esta área de estudo do ritmo e do movimento e, como esperado, quis me mover em composição com as pessoas que compunham a turma do 2º período de educação física, no ano de 2024. Este texto se torna, também, o relato da experiência de uma bicha professora de educação física exercitando metodologias que se preocupam com os corpos e as suas ações de produção de mundos por meio do movimento. Também serão misturados os relatos de estudantes que foram aglomerados durante e após o término do semestre de aulas na unidade curricular ritmo e movimento.

Ao planejar as atividades que comporiam os movimentos propostos para o ensino da unidade curricular, foi impor-

tante manter o pensamento de que as ações propostas partissem dos próprios corpos e de suas relações com o mundo, entendendo ritmo e movimento como um campo de estudos que envolveria a bicha professora e estudantes de educação física, em sua maioria, de biologia, de pedagogia, de teatro, todos em exercício de investigação coletiva do ritmo e do movimento. Ao propor este campo de ação para que corpos possam aprender coletivamente, penso em conjunto com bell hooks (2013) com a coletividade de aprendizagem, modo que reorganiza a perspectiva de ensinar e aprender para além da lógica hierárquica do saber a qual sobrepõe o saber do professor ao do aluno; ao coletivizar a aprendizagem, reconhecem-se os saberes existentes em cada corpo que habita as aulas, age-se no sentido de compor conjuntamente os saberes de quem ensina aprendendo com aqueles de quem aprende ensinando, percebe-se que ensinar e aprender tem a ver com mover-se para além do que se pensa ser, de modo a horizontalizar as relações por meio da amizade e do respeito.

Aqui temos o primeiro movimento de composição: coletivizar os modos diversos de ser corpo na relação com aquilo que se conhece das colonialidades do corpo que habitam os modos de vida em sala de aula, aprendendo ao compartilhar aquilo que se sente, pensa, vive e sabe e ensinando ao ouvir aquilo que outro corpo sabe, pensa e move a partir da coletividade. Para isso, pode-se investir em estratégias diversas, com o desejo de horizontalizar as relações a partir da diversidade de sentidos dos corpos em sala de aula: rodas de conversa, sarais, instalações performáticas, investigações das práticas corporais existentes na cidade, na vizinhança, relatos de experiência com a educação física...

Nossas ações ocorriam de modo a perseguir algumas questões que eram propostas como estratégias de investigação, discutir ao longo das aulas as nossas percepções a

partir das investigações e leituras propostas, inventar um diário de movimento no qual se registrassem as desconfianças sobre questões perseguidas ao longo dos estudos em ritmo e movimento e participar coletivamente dos exercícios e técnicas corporais que compunham as quatro horas de aulas semanais. Perseguimos a questão *O que é ritmo e movimento?* por meio da observação e registro dos movimentos que percebíamos dentro do campus, passando pelas investigações dos ritmos e movimentos dos corpos, humanos ou não, o clima, o vento, o calor... quais as composições entre ritmo e movimento compõem cada corpo? Nesse exercício de aproximar o campo de estudos dos corpos, também é possível fazer perceber que cada corpo possui técnicas corporais que lhe são mais comuns, como apontam Márcia Strazzacappa e Carla Morandi (2012), e constituem um modo de linguagem que compõe aquele corpo, por sua multiplicidade de técnicas corporais, podemos perceber que o campo de uma unidade curricular de ritmo e movimento torna-se até pequeno para a multiplicidade de modos de movimento e vivências rítmicas existentes em uma turma com quase 40 pessoas.

Aproximar o ritmo e o movimento do corpo promovendo a sua pluralidade de manifestações também é um exercício de percepção para cada corpo, no sentido de reconhecer-se como um ser rítmico que se expressa também pelo movimento que faz no mundo. Na educação física, esta ação também proporciona que estudantes possam compreender as suas preferências pelas práticas corporais como modos de linguagem e cultura acessados pelos corpos ao longo da vida, bem como as suas relações com as histórias de diferentes povos e suas relações com o ritmo e movimento na composição das danças, dos jogos, das brincadeiras, dos esportes, das lutas, das capoeiras...

Outro movimento de composição: perceber-se corpo em relação. A partir da coletividade de saberes, é possível

investir na investigação do movimento individual, na percepção de si como um corpo que se relaciona com práticas corporais que compõem bem o seu repertório de movimento, que conversam com os movimentos realizados ao longo da vida de um corpo, que contam as suas histórias com as dores e as fugas inventadas para resistir. Cada corpo pode compreender movimento e ritmo de inúmeras formas, pois cada corpo é um componente da ritmicidade e do movimento da vida que ele compõe e inventa a cada dia.

Partimos, dessa forma, para a perseguição da questão *Como eu me movo?*, a qual compunha o segundo movimento dos nossos estudos coletivos, queríamos entender com o corpo o espaço que ocupamos com nossos movimentos, por isso registrávamos em diários as nossas estranhezas em meio à investigação: como eu lavo os pratos, tomo banho, caminho na rua, ando apressada, levanto-me da cama, escovo os dentes, sento-me no banco do ônibus, fico cansada...? As questões surgiam e a gente compartilhava nas aulas com movimentos e ritmos, num exercício permanente de rir de si mesmo, de compartilhar nossas perturbações e nossas reproduções de movimento e nosso cansaço com a rotina, tudo isso compondo frases de movimento com o corpo, procurando modos de expressar com o corpo todo aquilo que se sentia, que se percebia em si mesmo, cada um no seu tempo. Queríamos, ao mesmo tempo, perceber nossos corpos em movimento, com seus padrões e automatismos, colocá-los em exercício e transformá-los em modo de expressão coletiva, e fizemos de muitas formas, com jogos, brincadeiras, pequenas montagens cênicas e rítmicas, com música, vídeo, sons corporais e tudo que pudessem funcionar para as investigações que ocorriam ao longo das aulas.

A terceira questão perseguida, *Como eu sei que sou um corpo?*, provocava um campo de investigação dos senti-

dos de se perceber um corpo em uma sociedade e com possibilidades expressivas relacionadas aos seus contextos de existência, também queríamos investigar como as emoções e sentimentos podem ser pensados por meio dos ritmos e movimentos que provocam nos corpos. Durante esta investigação, era comum que corpos se percebessem em suas limitações, nos medos, nas inseguranças em terem que lidar com uma formação profissional, no cansaço que sentiam constantemente por conta do modo de vida de cada pessoa, os atravessamentos das caravelhas racismo, heterocissexismo e cristianismo nos corpos... Precisávamos, torcer mais esta questão, pois a percepção da dor não pode ser o objetivo de uma investigação em ritmo e movimento, como transformá-la em coletividade? Trouxemos para as aulas as expressões comuns a cada pessoa, reunidas em grupos, e como elas se relacionavam com aquelas expressões rítmicas e de movimento, estávamos no exercício de uma coletividade ritmada, na qual cada pessoa aprendia com aquilo que compunha a vida da outra, suas histórias, suas pesquisas, seus estudos, as práticas corporais com as quais elas se relacionavam mais, as poesias e reflexões que escreviam no diário de movimento, suas ações ao longo das aulas sendo percebidas de outra forma.

Fizemos as emoções habitarem as aulas por meio de atividades corporais que as investigavam por meio dos movimentos e ritmos corporais, a mudança da postura, o lugar da voz, a contração e a expansão do movimento... investigamos as qualidades de movimento e suas relações com as emoções no corpo, transformando-as em atos ridículos, engraçados, cômicos e trágicos, simplesmente porque estávamos aprendendo que a gente ficava ainda mais próximas quando aprendíamos a rir de nós mesmas, coletivamente. Movemo-nos na amizade e no respeito para compreender que é na alegria que se aprende e se ensina. Foi assim que passamos a investigar as resistências coletivas que habitavam os ritmos brasileiros, que

eram negligenciados nas salas de aula do curso: funk, axé, samba, rap, slam, pagode, forró, maculelê e outras ritmidades brasileiras foram investigadas em suas letras, melodias e possibilidades de re-conhecimento da cultura brasileira por meio diversidade musical e de movimento.

Mais um movimento de corposição: partir da coletividade e do reconhecimento de si como um corpo para modificar a própria relação consigo, com o outro e com o coletivo, tudo isso aglomerado. Sentir é algo que acontece com o indivíduo, mas que pode ser pensado coletivamente. Não se trata aqui de uma terapia de grupo, é preciso ter cuidado. Na educação física, corpo é reconhecido como um produtor de saber por meio do movimento, fato que desloca a lógica eurocentrada da ciência que sobrepôs a mente ao corpo. Tal movimento de produção de saber foi discutido por Mauro Betti (2005) ao localizar a educação física, ao mesmo tempo, como uma área de conhecimento científico por suas epistemologias e como de intervenção pedagógica e social que dinamiza a ação do corpo em sociedade. Desse modo, o saber movimentado pela educação física nas escolas e nas formações de professores necessita articular-se com a ação e o direito de mover-se dos corpos no jogo social, produzindo sentidos e entrecruzando suas culturas. Betti (2005) intersecciona o saber movimentar-se, o saber sobre o movimentar-se e o sentir movimentar-se como dimensões necessárias para a investigação e pesquisa em educação física; estas dimensões são experimentadas e reconhecidas pelos corpos ao longos das aulas e promovem uma outra percepção de si, questionando a reprodução do gesto motor e promovendo o pensamento sobre o corpo em movimento de reconhecer-se sujeito da cultura.

Foi no exercício de reconhecer na coletividade as possibilidades de resistência às constantes colonialidades do corpo que viemos nos movendo ao longo das aulas de ritmo e movimento, aprendendo na relação com os

outros, no contato com a diferença enquanto possibilidade de aprender e ensinar de outra forma. Estudantes que experimentam o trabalho de ensinar aquilo que se deseja saber coletivamente, que compartilham seus saberes com a turma ao mesmo tempo em que aprendem mais sobre aquilo que ensinam, corpos que se reconhecem na ação mesma de se mover e de fazer isso como um direito humano de produzir e reconhecer-se na cultura por meio do movimento, sempre coletivo.

Pedi licença às pessoas que compuseram a turma de ritmo e movimento no 2º período de 2024 para utilizar os trechos das atividades de escrita que elas fizeram ao longo das aulas da unidade curricular, penso que dessa forma seus corpos possam também habitar esta escrita como modos de percepção da coletividade utilizar de aprendizagem que inventamos para aprender ritmo e movimento. A seleção dos textos foi feita pensando nos movimentos de corporeidade, ou seja, era desejado que os trechos apresentassem os movimentos de percepção de si em coletividade, individualmente e em transformação com os saberes compartilhados. Era preciso que o texto demonstrasse o movimento percebido e realizado pela pessoa que o escreveu, no sentido de registrar a mudança percebida, o pensamento perscrutado, as questões que mobilizaram o corpo no momento da escrita de si, durante a formação.

Os textos de estudantes foram recortados e reorganizados para compor outro texto que busca trazer para cá um pedacinho das experiências que compartilhamos, será orientado à direita do documento e com a fonte em itálico, a fim de destacá-lo...

Vamos lá?

Acordar, espreguiçar, escovar os dentes, correr, abrir o armário, comer, encontrar pessoas, pegar ônibus, conversar, trabalhar, estudar, cuidar... respirar, digerir,

piscar, mastigar.... Todo movimento tem um ritmo. Acontece em alguma cadência em um espaço de tempo, com uma sensação. Ler essa sequência de ações cotidianas pode ter - para pessoas diferentes e momentos diferentes - um ritmo acelerado, lento, maçante, alegre...

Como foi o seu?

Quando paro pra pensar sobre o motivo das coisas, pelo qual me movo, entro em transe por um instante, essa questão sussurra dentro de mim, e ecoa pra fora com uma vontade imensa de sair, ser livre, gritar. Como encaro essa chama que queima forte, como transferir isso pra quem me assiste? Eles não me entenderiam, “que loucura”, “de onde saiu essa doida”, diriam, consigo imaginar o espanto. E o medo? Os olhares que cortam mais que as facas enferrujadas dos açougues dos fundos do mercado, estes que julgam e condenam, são os mais medíocres possíveis, não se permitem deixar levar pela beleza da vida, por que resistem tanto? Todo processo constante de ondas, críticas, que envolvem o dia a dia repleto de mudanças, da folha que cai da árvore e repousa em cima do carro estacionado, um olhar que se encontra em conexão ao outro, em movimentos dispostos livremente, sem julgamentos. Percebendo, transformando, movendo... e compondo, descobrindo, sendo... é corpo, é gesto, é movimento, é comunicação, é linguagem, é ritmo e movimento. Na turma identificamos um ritmo comum de nosso cotidiano: estressante, maçante, repetitivo. As aulas foram espaços de refletir movimentando o corpo. Ressensibilizar para o encontro com o outro; voltar a atentar a como o mundo afeta cada corpo, colocando no espaço os movimentos vindos de si; experimentar o estranho e ridículo. Dentre as práticas na Educação Física, essas são onde mais me encontro. Acho que sinto prazer e consigo elaborar várias coisas aí, fazendo isso: caminhando pelo espaço; olhando para as pessoas que estão ali e tentando saber o que as presenças geram; ouvindo os movimentos; alongan-

do e mexendo partes do corpo que geralmente não são observadas; cheirando; transitando por emoções e buscando onde elas se concentram no corpo. Ritmo e movimento o que é? Vou ter que saber dançar? Sou tão travada, tão sem “ritmo”. Uma disciplina da faculdade que era pra ser tão simples, eu esperava tão pouco dela e de mim, me fez perceber que o mundo não é exatamente como pensamos, eu não sou exatamente como pensava. Ufa!! Eu não estou sendo vista como a estranha, eu não estou sendo chamada de feia, de louca, ninguém está rindo e falando mal de mim. Como assim? Estão rindo, mas são risadas me admirando e gostando do que estou fazendo, estão entrando nessa junto comigo? Aprendi a me mover de uma forma em que eu não sabia que podia, passei a não ter vergonha de fazer o meu corpo entrar em movimento, consegui dançar, me expressar corporalmente. Cativar e ser cativada pelo vislumbre das coisas mais serenas, dos encontros, do calor dos corpos, da calçada trincada, do chinelo remendado, das flores sendo arrancadas pelas mãos de quem as contempla, do lápis desgastado rabiscando o papel branco na expectativa de conseguir escrever alguma coisa boa, da cerveja gelada espumando no sol das uma da tarde, no carinho da minha irmã que cuida cusindo fogo. Vejo nesses exercícios uma das possibilidades de praticar uma educação física cultural que tenha espaço para os corpos com seus gestos, seus ritmos, suas feiuras, belezuras, dores e delícias, suas histórias presentificadas. Não pensei que ia praticar isso em uma aula do curso de Educação Física. Que bom que tá tendo e que bom que foi fazer com essa turma. Foi a trajetória que me aqueceu a levar o processo para os outros espaços, observando como a vida estava funcionando a partir das provocações da aula. Selecionar um movimento que faço no cotidiano e pensar como outro me afeta me ajudou a entrelaçar os estudos na educação física, as inquietações e os movimentos dos corpos no

cotidiano mergulhados nas tensões das culturas. A gente conseguiu entender o que era ritmo e movimento de uma forma mais descontraída e divertida sem precisar ficar em sala de aula parado, a gente também aprendeu a origem de diversos tipos de dança como hip-hop, axé, forró, aprendemos também sobre a capoeira e outras milhares de coisas, aprendemos que ritmo e movimento não está só na dança e na música, está relacionada também em movimentos do dia a dia, como por exemplo um simples movimento como: escovar os dentes, andar de bicicleta, desligar o despertador, pegar ônibus, com isso que percebi realmente o que era a matéria e como ela está relacionada com a Educação Física e a prática de esportes. Um percurso do medo ao desabrochar, movido pelo rock, agora envolvido pelo axé, samba, lambada, funk... conectado a culturas que não conhecia, suas histórias. Levado a experimentar e proporcionar experiências, a movimentar, comunicar... “Corpo não é, ele está sendo” e dentro dessa instância, relato que meu corpo está sendo ritmo e movimento, mas isso não ocorre desde o início, foi um processo de mudanças constantes. Fui afetado... Como? Movimentos diversos entre os diversos corpos. O céu em um dia azul ou acinzentado... Mas quem é o outro? “tudo que não sou Eu” disse Lumi. Afetado por emoções que me jogam no chão... Me fazem despir, fragilizar, emergir, sentir, demonstrar... doer. Querer gritar.... “ahhhh” como é cansativo... Fui jogada ao tatame. Não quis falar... mas também quis chorar. Como demonstrar? O que é? Como não demonstrar? Representei, em frente ao espelho, vendo um reflexo de tudo que eu já fazia. “Representei” o que eu já sentia.

Pra finalizar

Isto não é um manual! É mais um dos registros de movimentos de mudança da educação física brasileira, que tensiona os mecanismos de produção de corpos

que promovem o adestramento motor, a medição e os parâmetros corporais, a biologização do corpo escolar... É preciso fazer da educação física, diariamente, uma área científica e pedagógica e social que possibilite aos corpos experimentar o movimento em suas diversas dimensões, conectando-o com as diversas culturas e suas manifestações, com as suas potencialidades criativas, alegres e coletivas de aprender e ensinar.

Este texto relata as experiências de uma bicha professora substituta com sua pesquisa e seu compartilhamento de saberes com estudantes de um curso de graduação; e faz isso porque é preciso investir na coletivização das experiências de docentes do Brasil para mover os saberes daqui, há muito negligenciados pelas próprias escolas e formações de professores. Este texto também é um exercício de corposição, pois busca compor-se como outros corpos e práticas para transformar e ser transformado por elas. Quando o assunto é o corpo, não é possível pensar em uma ação metodológica como reprodução, mas como possibilidade de mudança. É possível exercitar corposições de inúmeras formas, para além das que foram apresentadas e investigadas aqui. O desejo é de que elas aconteçam, inclusive, para além da educação física, porque corpos produzem saberes em diversas áreas do conhecimento.

Atentar-se para a necessidade de corpos se reaproximarem de si e de outros corpos é um modo de promover o reconhecimento de corpos como territórios de saberes que produzem e movimentam as culturas e os tecidos sociais. Conhecer e movimentar ações interseccionais tem sido necessário às práticas pedagógicas e educativas escolares e universitárias, pois o corpo não pode ser entendido como algo único, estático, imutável, exatamente porque o que significa a sua vida é a sua capacidade de saber e produzir sentido com o movimento que realiza, sempre em mudança. Quando a percepção de

corpo passa a ser o movimento de mudança constante, podemos perceber a educação física como um território no qual os saberes corporais se relacionam para criar outras relações dos corpos consigo, entre si e com o mundo, promovendo modos de aprender, ensinar, educar pelo movimento. Isso não só localiza a educação física na BNCC, mas a insere como área de saber necessária à compreensão do social, do político, da subjetividade, da coletividade, da educação, da saúde, da cultura, da vida em movimento de produção de alegrias de propósito.

Quando a descolonização do corpo é o exercício, a educação física pode ser uma grande aliada nos exercícios de perceber-se, de relacionar-se, de movimentar-se como um direito do corpo que vive. É preciso investir nos espaços deixados pela colonização da educação física, aqueles nos quais os corpos percebem aquilo que sabem como componentes das práticas corporais, das culturas, reconhecendo-se nelas.

Referências

- Betti, M. (2005). Educação física como prática científica e prática pedagógica: Reflexões à luz da filosofia da ciência. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(3), 183–197.
- Brasil, Ministério da Educação. (2018). *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação.
- Castellani Filho, L. (1988). *Educação física no Brasil: A história que não se conta*. Papirus.
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2012). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2* (Vol. 4, 2ª ed.). Editora 34.
- Di Carvalho, V. (2023). *Corposições: Cartografia das bicha* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais.

Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975/1976)*. Martins Fontes.

Foucault, M. (2010). *Microfísica do poder* (28ª reimp.). Graal.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.

hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade*. WMF Martins Fontes.

Lugones, M. (2008). Colonialidad y género. *Revista Tábula Rasa*, (9), 73–101.

Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 22(3), 935–952.

Neira, M. G., & Nunes, M. L. F. (2009). *Educação física, currículo e cultura*. Phorte.

Pires, R. G. (2007). *História da educação física na Bahia: O percurso da formação profissional* (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia.

Strazzacappa, M., & Morandi, C. (2012). *Entre a arte e a docência – A formação do artista da dança*. Papirus.

Una Cobija de tigre



Una cobija de tigres. Darcy Ordóñez "tomate de carne" 2025